

MINHA ESCOLA, MEU QUILOMBO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Evaneide Santos de Oliveira Souza¹ – DEDC XII/UNEB-Guanambi

(evaneide_oliveira@live.com)

Viviane Silva Santos Malheiros² - DEDC XII/UNEB-Guanambi

(vivianessmalheiros@hotmail.com)

Jany Rodrigues Prado³

(janyrprado@yahoo.com.br)

RESUMO

O presente trabalho trata de experiências sobre momentos formativos experienciados no decorrer do ano letivo em uma escola da rede municipal de Guanambi, em duas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na cidade de Guanambi-Ba, onde atuamos como bolsistas de ID através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), mediante o subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas, desenvolvido na UNEB/Campus XII. Abordaremos neste relato questões relevantes sobre a temática: História e cultura afro-brasileira e africana, discorrendo sobre os conhecimentos que as crianças deste espaço trazem a respeito do continente Africano, bem como a importância desse ensino nas instituições educacionais e sua relevância para os educandos em relação à descoberta de sua identidade e elevação da sua autoestima, através do projeto de intervenção “Minha Escola Meu Quilombo: Valorização da Cultura Afro-Brasileira”. A abordagem metodológica utilizada neste trabalho baseia-se na observação participante e registro em diário reflexivo de campo. Para fundamentação teórica, pautamos em autores como Silva (2007), Borges (2002), Matos (2008), Oliveira (1998), Cavaleiro (2001), Almeida (2007), Medeiros (2002), dentre outros. Assim, procuramos fomentar a valorização identitárias das crianças, criando dinâmicas de trabalho através da regência compartilhada entre nós e a regente da classe, nossa professora formadora, a fim de resgatar os valores da cultura Afro-Brasileira.

Palavras- chave: Cultura afro-brasileira. Questões Étnico-raciais. Contos literários infantis. Minha Escola, Meu Quilombo.

¹Discente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XII/ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas, vinculado ao PIBID/UNEB, financiado pela CAPES.

²Discente do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XII/ Bolsista de Iniciação à Docência do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas, vinculado ao PIBID/UNEB, financiado pela CAPES.

³Professora da Universidade do Estado da Bahia- UNEB Campus XII. Professora Colaboradora do Subprojeto Laboratório de Práticas Pedagógicas - PIBID UNEB. Coordenadora Pedagógica da rede municipal de Guanambi-Ba. E-mail: janyrprado@yahoo.com.br

Introdução

O Brasil é um país que apresenta uma grande variedade cultural, pois teve sua população formada a partir da mistura de várias etnias, porém essa diversidade, às vezes, é desrespeitada pela sociedade. Partindo desse pressuposto, o presente artigo trará uma reflexão acerca de experiências vivenciadas na turma de educação infantil primeiro ano, com alunos de faixa etária entre 5 a 8 anos, em uma Escola Municipal, no município de Guanambi, Bahia. Como objetivo de conhecer e refletir sobre os conhecimentos que as crianças já têm sobre o continente africano, bem como discutir a importância do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

O que se tem notado ao longo da história do Brasil, tanto na sociedade quanto nas instituições de ensino é uma valorização eurocêntrica, ou seja, somente os costumes de influência europeia são bem aceitos. Infelizmente, a história e a cultura afro-brasileira sempre foram tratadas de forma superficial ou distorcidas.

Nas escolas e nos livros didáticos, por muito tempo, o africano foi tratado apenas como um povo que foi trazido contra a sua vontade para o Brasil, em condições sub-humanas, obrigados a realizar trabalhos pesados sem receber qualquer tipo de pagamento. Viviam amontoados nas senzalas, recebiam uma má alimentação e aqueles que tentavam fugir das condições oferecidas eram cruelmente castigados. Até que um dia uma princesa resolveu assinar uma lei que os libertava. Essa narrativa impregnou nossas aulas de História, sem propiciar nenhuma reflexão sobre como ficariam as vidas dos escravos após a abolição da escravatura e se haveria melhorias para o povo e para seus costumes. Isso reforçou ainda mais o preconceito e a discriminação para com os descendentes desses povos, que até hoje carregam nas costas as marcas da escravidão.

Questões étnico-raciais no cotidiano escolar

A sociedade brasileira encontra-se marcada pela exclusão social e pela discriminação racial, que por motivos históricos e econômicos, os negros e os índios são os grupos que mais sofrem com a desigualdade social e com o preconceito. Precisamos ultrapassar o simplismo e o preconceito com que olhamos a África, deixando de vê-

la como palco do fetichismo, da idolatria, da superstição, da poligamia e do barbarismo.

Por isso, é importante que a temática das relações étnico-raciais esteja contida nos projetos pedagógicos das instituições, evitando-se práticas esporádicas em determinadas fases do ano, como abril, maio, agosto e novembro, mas que sejam constantemente trabalhados, pois como afirma o Art. 1º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescidos os seguintes arts. 26-A 79-A e 79-B:

“Art. 26-A”. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Está inserida na proposta pedagógica da escola, significa que o tema será trabalhado permanentemente, e, nessa perspectiva, é possível criar condições para que não mais ocorram intervenções meramente pontuais para resolver problemas que surgem no dia-a-dia relacionados ao racismo.

Aos poucos, o respeito à diversidade deve ser um princípio das instituições e de todas as pessoas que nelas atuam. Pois como afirma Borges (2002) “seja qual for a cor dos olhos e da pele, as proporções corporais, a textura dos cabelos, etc., pertencemos todos à mesma espécie, à mesma raça, à mesma humanidade”. Pois sabemos que o Brasil é um país plural culturalmente, mas o que acontece nos processos educativos formais ainda está muito ligado ao projeto civilizatório moderno ocidental, no qual essa pluralidade é atropelada, por não legitimar outras visões de mundo, outros valores e culturas. Mas, a necessidade é constante cada dia mais trabalhar essas questões em sala de aula, pois segundo Figueiredo, (2008, p 31).

É justamente esse reconhecimento que se pensa quando se fala em ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas. A cultura negra sendo parte integrante e orgânica do patrimônio cultural brasileiro em suas diferentes manifestações artísticas, musicais, religiosas, educativas, dentre outras mais. Fundamental para a

construção e afirmação da identidade racial e cultural da população negra do Brasil.

Portanto com esta história, podemos destacar atitudes solidárias em detrimento ao preconceito, exercitando o respeito à pluralidade cultural e ao amadurecimento. Essa diversidade é importante, pois é convivendo com ela desde bem cedo que as crianças aprendem a respeitá-la.

Experiências e reflexões acerca do subprojeto “Minha Escola, Meu Quilombo: Valorização da Cultura Afro-Brasileira”

Realizar uma educação antirracista é transformar o cotidiano escolar, fazendo uma reflexão profunda sobre o que os alunos sabem, e como agem diante da diversidade Afro-Brasileira encontrada no país. Foi nesta perspectiva que iniciamos a nossa intervenção, com o intuito de conhecer e refletir sobre os conhecimentos que as crianças tinham sobre o Continente Africano.

Em uma de nossas intervenções que eram realizadas no primeiro horário das aulas da professora regente e com o seu auxílio apresentamos aos alunos algumas bonecas negras, dizendo que as mesmas vieram do Continente Africano, e que iam permanecer conosco durante o período que estivéssemos com eles. Em seguida lançamos aos educandos perguntas relacionadas ao tema abordado como:

- O que eles sabem sobre a África?
- Será que os africanos vieram de livre e espontânea vontade, ou foram obrigados a vir para o Brasil?
- Vocês acham que a África é um país ou um continente?

Alguns alunos ficaram quietos sem responder nada, mas a maioria participou das discussões, com respostas coerentes em relação ao conteúdo, havendo assim diálogo e uma agradável interação entre nós e os educandos. Nessa direção Cavaleiro (2001, p. 156) discorre:

Os educadores devem ter atitudes que facilitem a permanência e participação da criança na escola. Para promovermos esta relação saudável no espaço escolar e assim garantirmos uma educação antirracista, entre outras coisas devemos constantemente observar alguns aspectos das relações interpessoais estabelecidas no cotidiano escolar.

No momento em que dialogamos com os alunos, deixamos bem claro que a África não é um país, como muitos pensam, mas sim um continente formado por países e territórios, com distintas culturas, idiomas, costumes e raças; explicamos que os africanos no início da colonização não vieram ao Brasil por espontânea vontade, mas que foram traficados, maltratados e escravizados, sem direito a escolha de ficar em seus países ou partir para outra nação. Também esclarecemos que estes trouxeram grandes contribuições para o desenvolvimento do país e devem ser respeitados. Como afirmam Almeida e Medeiros (2007) os negros influenciaram nossa história, idioma, cultura, culinária e religião. É preciso reconhecimento da influência das muitas culturas africanas na formação da cultura nacional, dentro de um conturbado contexto socioeconômico e político no país.

Trabalhar essas questões nessas turmas não foi difícil, pois notamos pelas respostas dos alunos que as professoras trabalham este tema constantemente com eles. Isso é de grande importância na educação escolar, pois os docentes ao abordar este tema em sala de aula, desenvolvem um senso crítico sobre o preconceito racial, bem como trabalha os valores humanos, fortalecendo os alunos como sujeitos sociais. Com essa postura dos professores, Cavalleiro (2001, p. 157) posiciona:

Na educação antirracista, o reconhecimento positivo da diversidade racial, bem como a preocupação com as desigualdades na sociedade brasileira, necessariamente impele professores e professoras a escolher material didático e de apoio que contemple a diversidade racial da sociedade. Isso estimula a busca de material pedagógico alternativo que auxilia a explicitação e a reflexão sobre a questão racial.

É necessária a compreensão de que o livro didático é apenas uma ferramenta, cabe ao professor buscar outros materiais que acrescentem mais informações em relação ao tema abordado. É importante que as aulas, as explicações não centralizem apenas na história Europeia, no tráfico e escravização dos negros, é preciso voltar um olhar mais abrangente e focalizado em formar e relacionar a realidade africana e sua verdadeira importância na contribuição da construção do nosso país, em relação à cultura, economia, religião entre outros...

Seguindo estes conceitos, continuamos a nossa aula com a narração da história “A Bonequinha Preta”, de Alaíde Lisboa de Oliveira, onde no decorrer de nossas falas, instigamos os alunos a participar e fazer comentários a respeito da história, como:

- Qual é a cor da bonequinha de Mariazinha?

E todos responderam de maneira correta.

- Vocês acharam a bonequinha preta bonita?

Os alunos responderam que sim, que ela era linda! Mas alguns alunos responderam que a bonequinha era feia!

- Perguntamos também qual dos alunos tinham uma bonequinha preta em casa?

Algumas alunas levantaram a mão, e o restante da turma responderam que não tinham. E algumas alunas no decorrer da história, pediram para segurar as bonequinhos pretas que levamos, para abraçá-las e beijá-las. E assim todos prestaram bastante atenção até o final da narração.

Trabalhamos com os alunos uma diversidade de questões, entre elas sobre a diversidade de raças, costumes e gostos, e que todos estes devem ser respeitados. Devemos gostar e cuidar do nosso próximo, independentemente da cor, da religião, e da cultura. E destacamos para eles o fato de que somos todos diferentes, pois ninguém é igual a ninguém, somos iguais somente nos direitos e deveres. Logo após a socialização entre todos, realizamos uma atividade com os alunos, onde estes teriam que fazer um desenho, representando a narração da história, seguidas de uma frase ou recadinho sobre a compreensão do tema explicado. Os discentes se empenharam bastante na construção dos desenhos e obtivemos ótimos resultados com a proposta apresentada.

Para dar continuidade a essas questões, confeccionamos juntamente com a turma um cartaz com o desenho da bandeira do Brasil. Enfatizamos que agora não iremos colocar as cores da bandeira do Brasil, mas sim recortaremos várias faces de pessoas diferentes para colar na bandeira, com o intuito de mostrar que o nosso país é constituído por diferentes tipos de pessoas, com comportamentos, feições, culturas e atitudes de forma diversificadas.

Cada criança escolhia uma figura ou imagem de pessoa e falava o motivo da escolha, com isto tivemos a intenção de que cada um respeite a opinião e valorize o outro como um ser social e culturalmente diferente, mas importante para a formação do nosso país. Não foi difícil trabalhar sobre o continente africano, pois a professora já estava enfatizando e trabalhando sobre o assunto, a mesma já tinha lido várias histórias infantis, como por exemplo: O cabelo de Lelê, As tranças de Bintou, Menina bonita do laço de fita. Essa postura do professor é fundamental, pois como afirma Silva (2004, p 17).

Para tanto, há necessidade, de professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos e, além disso, sensíveis e capazes de direcionar positivamente as relações entre pessoas de diferente pertencimento étnico-racial, no sentido do respeito e da correção de posturas, atitudes, palavras preconceituosas.

Sendo assim, as escolas como o todo, tem como responsabilidade de acabar com a maneira falsa e reduzida de trabalhar sobre as contribuições que os africanos e seus descendentes trouxeram para o Brasil, e evitar que seus alunos negros continuem sofrendo atos de racismo e preconceito.

Considerações finais

Diante das atividades realizadas na escola, percebe-se que algumas crianças participantes deste trabalho já traziam consigo alguns conhecimentos importantes e positivos a respeito do continente africano, uma vez que essas questões já vinham sendo trabalhadas em sala de aula. Mesmo sendo lenta a implantação e materialização da lei, esta garante informações e conhecimentos para que se possa compreender e combater o preconceito e a discriminação racial nas relações educacionais das escolas e da sociedade. O Nosso trabalho como bolsistas de ID nesse contexto foi importante porque além de despertar nas crianças a sua identidade, damos através do nosso subprojeto, continuidade ao trabalho do professor regente, em uma perspectiva diferente, mas com o mesmo intuito e finalidade que é romper com as barreiras citadas acima.

Ao fim do ano letivo e dos trabalhos de intervenção realizados percebemos o quão é importante a leitura, planejamento e foco em uma problemática de ensino, pois a

criança alcança o proposto pela educação ao longo da sua vida. Verificamos também a atuação como bolsista de ID do subprojeto “Laboratório de Práticas Pedagógicas” do PIBID/UNEB/Campus XII, em turmas como as nossas onde o número de afro descendente é concentrado, necessita de aulas que façam esse resgate de cultura e identidade e o quanto é importante a parceria entre professor regente da escola e bolsista de ID e o quanto o PIBID acrescenta para a nossa formação e aprendizagem da docência, bem como para nosso amadurecimento enquanto profissionais da área da educação. Portanto, nas práticas pedagógicas, é preciso investir em um desenvolvimento interativo e criativo incluindo a habilidade de aprender a ouvir opiniões diferentes e o planejamento em favor da aprendizagem e crescimento do aluno.

Referências

ALMEIDA, Eduardo Ribeiro de; MEDEIROS, Ângelo Cordeiro. **História e Cultura Afro- Brasileira: Possibilidades e Impossibilidades na Aplicação da Lei 10.639/2003.** Revista Agora, Vitória, v.21, n. 5, p. 1-12, fev/mar 2007. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/>. Acesso em: 26 nov. 2013.

BORGES, Edson; MEDEREIROS, Carlos Alberto; ADESKY, Jacques d’ **Racismo, preconceito e intolerância.** São Paulo: Atual, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Antirracismo na Educação: Repesando Nossa Escola.** 5 ed. São Paulo: Selo Negro, 2001.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. **A Bonequinha Preta.** 23 ed. Belo Horizonte: Editora Lê 1998.

MATTOS, Wilson Roberto. Et all. **Afrouneb. Ações afirmativas Igualdade racial e compromisso social na construção de uma nova cultura universitária.** Salvador: EDUNEB, 2008.

SILVA, José Carlos Almeida da. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.**